Há outra tragédia humanitária

A comunidade internacional não deve, não pode ignorar a tragédia no Sudão. Por uma razão de *realpolitik*, mas também por duas outras, que vão muito para além

da *realpolitik*.

Nuno Severiano Teixeira, *Público*, 17 de Setembro de 2025

O olhar está concentrado sobre Gaza. As imagens da tragédia entram todos os dias em nossa casa. A cobertura mediática, o debate político e a mobilização diplomática não a podem ignorar. Tal é a dimensão do horror. Mas, ao mesmo tempo, não muito longe de Gaza, há uma outra tragédia humanitária, praticamente, ignorada. Não passa nas televisões, não apaixona as opiniões públicas e pouco ou nada mobiliza a comunidade internacional. E, no entanto, a dimensão do horror não é menor. A fome e os crimes de guerra campeiam. Assassinatos em massa, raptos, violações, violência contra mulheres e crianças, doenças, insegurança alimentar. Vinte e cinco milhões de pessoas ameaçadas pela fome e desidratação, 14 milhões de deslocados, mais de 3 milhões em fuga para países vizinhos. E as estimativas variam entre 150 e 400 mil mortos em dois anos de sangrenta guerra civil. Tudo isto se passa no Sudão.

O Sudão foi durante a primeira metade do século XX um protetorado conjunto do Egipto e do Reino Unido, que acedeu à independência na vaga das descolonizações do segundo pós-guerra, em 1956. País de enorme dimensão, estava internamente dividido entre o Norte, rico, árabe e muçulmano, e o Sul, pobre, cristão e animista. Tais divisões originaram duas guerras civis e ao fim da segunda, em 2011, a secessão e a fundação de um novo Estado: o Sudão do Sul.

O Sudão pós-colonial foi dominado pela ditadura violenta de Omar al-Bashir, que aplicou com rigor a *sharia* e usou sem parcimónia a polícia dos costumes, promoveu milícias privadas e perseguiu sem piedade adversários políticos e religiosos: o cristianismo, o xiismo e a apostasia sunita. Durou até 2019 e caiu num golpe militar às mãos das Forças Armadas Sudanesas (SAF) e da milícia paramilitar que ele próprio criara, as Forças de Apoio Rápido (RSF). Abriu-se então um período de esperança: um governo transitório, uma nova constituição, um primeiro-ministro civil e o princípio de uma transição democrática.

Foi sol de pouca dura. Em 2021, os mesmíssimos militares deram um novo golpe, suspenderam a Constituição e voltaram ao poder. Em 2022, falhou uma última tentativa de transição e, em Abril de 2023, os dois grupos militares que se tinham unido, primeiro, para derrubar a ditadura e, depois, para impedir a democracia, entram numa guerra sem quartel um contra o outro. Uma nova guerra civil sem fim à vista. E ainda na semana passada recusaram uma proposta dos Estados Unidos,

Arábia Saudita, Egipto e Emirados Árabes Unidos para uma trégua humanitária de três meses que deveria ser seguida de um cessar-fogo definitivo e uma transição de nove meses para um governo civil.

A comunidade internacional continua a falhar. A ONU e a União Africana jamais conseguiram um cessar-fogo e o envolvimento internacional tem estado longe de ser positivo. Em vez de uma mediação neutral, há actores externos que tomaram partido no conflito e armaram as partes, o que transformou uma guerra civil num

conflito *proxy* que reflecte os interesses das potências internacionais (Rússia, através do grupo Wagner) e, sobretudo, das potências regionais (Egipto; Turquia, Arábia Saudita; Emirados Árabes Unidos). Ora, tudo isto só agravou a violência do conflito e a gravidade da catástrofe humanitária.

Mas, afinal, o que move os senhores da guerra locais e as potências internacionais? Aos senhores da guerra move-os o interesse pessoal, a luta pelo poder e pela riqueza à custa do seu próprio povo. Às potências externas move-as o interesse económico e a influência geopolítica sobre o país: as riquezas naturais (ouro) do Sudão e a importância estratégica da base naval de Port Sudan para o controle do Mar Vermelho. Com cada vez maior presença iraniana e cobiça russa.

Ora, é por tudo isso que a comunidade internacional não deve, não pode ignorar a tragédia no Sudão. Por uma razão de *realpolitik*, mas também por duas outras, que vão muito para além da *realpolitik*. Primeiro, por uma questão de segurança. Porque a guerra civil no Sudão pode alargar-se e desestabilizar todo o eixo que vai do Sahel ao Corno de África até ao Médio Oriente. E porque a falência do Estado é o primeiro passo para a instalação de santuários terroristas. Segundo, por uma questão política. Porque a paz só é possível com uma reforma do sector de segurança, o regresso dos militares aos quartéis e uma transição política democrática. E, finalmente, por um imperativo ético, que é o mais urgente. Porque é preciso pôr termo à tragédia humanitária.

https://www.publico.pt/2025/09/17/opiniao/opiniao/ha-tragedia-humanitaria-2147409